

25 de Abril

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal e restante mesa
Exmo. Senhor Presidente da Câmara e respectivos Vereadores
Exmos. Senhores Membros da AM
Exmos. Senhores Autarcas
Exmas. Autoridades e Entidades Cívicas, Militares e Religiosas
Exmos. Senhores Representantes da Comunicação Social
Municípios
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Trinta e quatro anos depois do vinte e cinco de Abril de 1974, que correspondeu à instauração das liberdades e da democracia e ao fim de um regime ditatorial, que reprimia através da sua polícia política e mantinha povos colonizados por uma guerra, em que os jovens e suas respectivas famílias eram sacrificados em nome da defesa da Pátria, somos obrigados a dizer hoje, face ao período político que vivemos e notoriamente em sectores como a educação, a saúde e o mundo laboral, que não foi bem para isto que se fez o 25 de Abril.

Derrubado um regime totalitário e de manutenção de privilégios na área social, económica e social, passados três décadas e meia quase, apresentam-nos a globalização e o neo-liberalismo e outros modelos para justificar que os ricos, poucos, sejam mais ricos e os pobres, muitos, sejam mais pobres, agudizando-se as diferenças sociais e económicas.

A construção do novo caminho assente na democracia, na liberdade de expressão, no reafirmar e aperfeiçoar de várias conquistas, teve naturalmente momentos altos e baixos, com muita luta desenvolvida a nível político, partidário, sindical e de cidadania, Alcançado na rua, nas empresas, nas escolas, no poder local e em muitos outros territórios.

Tivemos a esperança de recuperar terreno a vários níveis. A nível económico, dos direitos e das conquistas sociais. Mas a realidade actual é a negação desses sonhos, dessas esperanças, já visíveis há muito em alguns países da Europa a que pertencemos.

Mais de três décadas depois do momento de alegria multicolor vivido por uma cidadania colectiva, a nossa democracia parece ressentir-se, com estranhos medos a apoderarem-se de novo nas pessoas, que temem o seu lugar, o seu emprego, a progressão na sua carreira.

Às gerações do 25 de Abril que testemunharam que vale a pena lutar por uma vida mais digna e com respeito pelos direitos individuais, sociais e laborais mais elementares, junta-se uma nova geração de jovens, que convivem com parcas perspectivas de emprego, com vastas ofertas de trabalho precário, a recibos verdes, pagos à hora, ao dia, ao mês e a valores que os deixam na angústia de vidas com sonhos adiados e frustrantes.

Por isso ganha uma importância maior, pelo exemplo que possa representar para outros, o recente entendimento na Câmara Municipal de Lisboa para integrar os precários.

Contudo outros ventos sopram. As propostas de alteração ao Código de Trabalho apresentado pelo Governo no Conselho de Concertação Social introduzem a “inadaptação funcional” como justa causa para despedimento. Trata-se do SIMPLEX laboral, com possibilidade de despedir na hora, de forma mais rápida e mais barata, sem o dever garantido da reintegração do trabalhador. Como está distante o espírito do 25 de Abril

E se a governação actual nos interroga se foi para isto que se fez a revolução dos cravos, ou se é este o tipo de desenvolvimento que desejávamos, acrescente-se o nó que nos aperta de uma Europa que se constrói cada vez menos solidária do ponto de vista dos direitos sociais.

E ratificamos esta semana na Assembleia da República o tratado Europeu, sem a participação directa dos cidadãos, numa quebra de um compromisso eleitoral. Um processo que não pode nem deve ser branqueado nem escondido dos nossos jovens, a quem por vezes se oferecem visitas guiadas ao Parlamento Europeu.

Porque ao contrário da situação financeira que herdamos na Câmara Municipal de Ovar, a verdadeira crise da Europa não é nem institucional nem monetária. É sim, de incapacidade para responder ao desafio da qualificação imposta por uma economia globalizante e desregulada.

E para finalizar extractos de um Poema de José Carlos Ary dos Santos “*As Portas Que Abril Abriu*”:

Era uma vez um país
Onde entre o mar e a guerra
Vivia o mais infeliz
dos povos à beira-terra

Onde entre vinhas sobredos
Vales socalcos searas
Serras atalhos veredas
Lezírias e praias claras
Um povo se debruçava
Como um vime de tristeza
Sobre um rio onde mirva
A sua própria pobreza.

Era uma vez um país
Onde o pão era contado
Onde quem tinha a raiz
Tinha o fruto arrecadado
Onde quem tinha o dinheiro
Tinha o operário algemado
Onde suava o ceifeiro
Que dormia com o gado
Onde tossia o mineiro
Em Aljustrel ajustado
Onde morria primeiro
Quem nascia desgraçado.

Era uma vez um país
De tal maneira explorado
Pelos consórcios fabris
Pelo mando acumulado
Pelas ideias nazis
Pelo dinheiro estragado
Pelo dobrar da cerviz
Pelo trabalho amarrado
Que até hoje já se diz
Que nos tempos do passado
Se chamava esse país
Portugal suicidado.

Era a semente da esperança
Feita de força e vontade
Era ainda uma criança
Mas já era a liberdade.

Quem o fez era soldado
Homem novo capitão
Mas também tinha a seu lado
Muitos homens na prisão.

Esses que tinham lutado
A defender um irmão
Esses que tinham passado
O horror da solidão
Esses que tinham jurado
Sobre uma côdea de pão
Ver o povo libertado
Do terror da opressão

Não tinham armas é certo
Mas tinham toda a razão
Quando um homem morre perto
Tem de haver distância.

Foi esta força sem tiros
De antes quebrar que torcer
Esta ausência de suspiros
Esta fúria de viver
Este mar de vozes livres
Sempre a crescer a crescer
Que das espingardas fez livros
Para aprendermos a ler
Que dos canhões fez enxadas
Para lavrarmos a terra
E das balas disparadas
Apenas o fim da guerra.

Contra tudo o que era velho

Levantado como um punho
Em Maio surgiu vermelho
O cravo do mês de Junho.

Agora que já floriu
A esperança na nossa terra
As portas que Abril abriu
Nunca mais ninguém as cerra.